

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume I**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

Revista Portuguesa de Historia
t. XXXI, Yol. 1(1996)

UMA BIOGRAFIA EM CONSTRUÇÃO:
SIMPLÍCIO RODRIGUES DE SÁ, PINTOR
RETRATISTA NA CORTE IMPERIAL
DO RIO DE JANEIRO*

MARÍA MANUELA LUCAS
(Universidade de Coimbra)

“Começo por contar uma história ...”
(Salvador Dias Arnaut, “Valerá a pena?”,
Alta de Coimbra. Historia - Arte - Tradição,
Coimbra, 1988, p. 303).

“Eu vos canto ó da Atlântida
A voz unindo ao Coro das Ondinas
Bailando sobre o alvor das vossas praias”

(Pedro Cardoso, *Hespérides*).

A produção historiográfica brasileira sobre a arte do Brasil colonial tem revelado, sobretudo nas últimas décadas, uma tendência cada vez mais acentuada para o aprofundamento da história so-

* Expresso o meu agradecimento ao etnólogo caboverdiano e bom amigo Félix Monteiro que, na cidade do Mindelo, colocou ao meu dispor os elementos do seu arquivo pessoal relativos ao pintor retratista Simplicio de Sá.

ciai da arte evidenciando-se, entre as suas preocupações, a identidade das obras e dos respectivos autores¹. Ao mesmo tempo, verifica-se que o período subsequente à chegada da Corte ao Rio de Janeiro, tem sido objecto de especial atenção por parte dos investigadores, talvez porque, a partir dessa altura, se iniciou o percurso de laicização da arte no Brasil e se abriram novos rumos à actividade artística, desenvolvida por vultos notáveis, alguns deles nascidos no Brasil, como José Leandro de Carvalho, Francisco Pedro do Amaral e o *Brasiliense* Manuel Dias de Oliveira e por outros oriundos de diferentes países da Europa e mesmo do Reino. O austríaco Tomas Ender terá seguido para o Brasil com a Arquiduquesa D. Maria Leopoldina de Habsburgo-Lorena, instalando-se desde logo como pintor na Corte de D. João VI². A Missão Artística Francesa, que o Embaixador Marquês de Marialva contratara em Paris, chega ao Brasil em 1816 chefiada por Joachin Lebreton, Secretário do Instituto das Belas-Artes de França, acompanhando-o os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean-Baptiste Debret, o arquitecto Grandjean de Montigny e Arnaud Julião Pallière, que viria a ser o autor do plano urbanístico da Vila Real da Praia Grande, a actual Niterói. De Portugal, diversos artistas acompanhando o Príncipe-Regente D. João, ou chegando posteriormente ao Rio de Janeiro, ali irão desenvolver obra de vulto, como é o caso dos pintores Joaquim Cândido Guillobel, Henrique José da Silva e o pintor retratista Simplicio Rodrigues

¹ Veja-se o *Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*, coord. de Maria Beatriz Nizza da Silva, *Nova História da Expansão Portuguesa*, dir. de Joël Serrão e A.H. Oliveira Marques, VIII, Estampa, 1986, pp. 488-494.

² Sobre o pintor e a sua obra, pode consultar-se J.F. de Almeida Prado, *Tomas Ender. Pintor austríaco na Corte de D.João VI no Rio de Janeiro*, S.Paulo, Comp. Edit. Nacional, 1955.

de Sá. Este último, saindo de Lisboa, terá chegado ao Brasil pelos meados da segunda década de oitocentos, vindo a tomar-se artista de renome e sendo hoje objecto de alguma controvérsia entre os historiadores da Arte, sobretudo quando se coloca a questão da sua provável naturalidade caboverdiana³.

1. Simplicio de Sá, um discípulo dilecto de Jean-Baptiste Debret

A historiografia da arte brasileira contém numerosas referências ao artista Simplicio Rodrigues de Sá, designadamente às funções que desempenhou no Brasil e às obras de arte que ali produziu desde 1816 até à data da sua morte, ocorrida em 1839. Este acervo de informações encontra-se disperso por fontes, estudos e catálogos de exposições, na sua maior parte publicados no Brasil, constituindo um corpo de referências bibliográficas essenciais, recomendadas pelos historiadores da arte brasileira, como base para a elaboração de qualquer trabalho sobre o pintor retratista⁴. No

³ A maioria dos historiadores brasileiros refere-se apenas à nacionalidade portuguesa de Simplicio Rodrigues de Sá, embora se apontem por vezes locais como Lisboa, a Ilha da Graciosa nos Açores e, mais recentemente, a Ilha de S.Nicolau de Cabo Verde, para indicar a sua provável naturalidade.

⁴ São geralmente indicadas pelos especialistas brasileiros as seguintes obras:

- Braga, Theodoro, **Artistas Pintores do Brasil**, São Paulo, 1942 (este livro reúne indicações bibliográficas a respeito de Simplicio Rodrigues de Sá).
- Debret, Jean-Baptiste, **Voyage pittoresque et historique au Brésil**, 1834-1839.
- **Diccionario del Instituto Historico y Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1922, pp.1602 y 1605.
- **El Spectator Brasileiro** de Rio de Janeiro, Agosto de 1826.
- **Enciclopedia del Arte en America - Biografias** 77, "Simplicio Rodrigues de Sá, Óleo".Retrato del Marqués de Inhambupe".
- Estrada, Luiz Gonzaga Duque, **Pintura e Escultura**, 1888.
- Filho, A. Moraes de los RÍOS, **Evolución del arte en el Brasil**, Rio de Janeiro, 1941, p. 175.
- Freire, Laudelino, **Um século de pintura**, 1916.

entanto, sabe-se que não foi até agora possível elaborar um estudo rigoroso e exaustivo sobre Simplicio Rodrigues de Sá, atendendo a que as informações referentes ao período que precede a sua chegada ao Rio de Janeiro são diminutas e imprecisas, dando lugar a divergências na biografia do pintor anteriormente a 1820 e à apresentação de hipóteses que carecem de fundamentação, só conseguida com a descoberta de novos documentos fidedignos e originais referentes a essa época e que ainda não foi possível reunir na totalidade.

Uma aproximação às fontes e estudos em referência permite, entretanto, o conhecimento e a divulgação de dados essenciais, que cobrem boa parte do percurso do pintor retratista, nascido nos meados da década de 1780 e chegado ao Rio de Janeiro em data anterior a 1816, uma vez que em 1815 se desloca à Argentina, instalando-se em Buenos Aires onde executa vários retratos e miniaturas. É assim que o seu nome e obra já se faziam notar tanto na Argentina como no Brasil, antes da chegada da Missão Artística Francesa, em 26 de Março de 1816.

- Galvão, Alfredo, **Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes**, 1954.

- Junior, José Maria dos Reis, **Pintura no Brasil**, 1944.

- Pontual, Roberto, **Dicionário das artes plásticas no Brasil**, 1966.

- Rubens, Carlos, **Pequena história das artes plásticas no Brasil**, 1941.

- Santos, Francisco Marques dos, "As Belas Artes no primeiro reinado, 1822-31", **Estudos Brasileiros**, Março-Abril de 1940, pp. 478-791; **Id.**, "As Belas Artes na Regência", **Ibid.**, Julho-Dez. de 1942, p. 105.

- Trostiné, Rodolfo, "La miniatura en Buenos Aires. Notas para su historia", **Estudios**, Buenos Aires, 1947.

Las miniaturas y miniaturistas del periodo hispanico-argentino, Madrid, 1948, p. 7.

Simplicio Rodrigues de Sá, tendo sido incluído nas exposições do Museu Nacional de Belas Artes, **Pintura religiosa** (1943) e na **Retrospectiva de pintura do Brasil** (1948), é referido nos respectivos Catálogos.

É citado também no Catálogo da mostra itinerante pelas cidades americanas em 1966, **Arte de America Latina desde a Independência**.

Esta missão, de acordo com um ambicioso projecto cultural previamente traçado e consubstanciado no decreto de 12 de Agosto de 1816, deveria criar a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, destinada ao ensino oficial das Artes Plásticas e Ofícios industriais no Rio de Janeiro. O arquitecto Grandjean de Montigny avançava com o projecto para a construção do edifício da futura Academia de Belas Artes. Verificando-se, porém, algum atraso na abertura do ensino artístico, facto a que não terá sido alheia a morte, em 1817, do Ministro Araújo de Azevedo, Conde da Barca, grande obreiro do florescimento cultural então verificado no Brasil, decidiram os Mestres franceses abrir os seus *ateliers* a alunos particulares iniciando, a partir daí, a formação dos seus primeiros discípulos.

A pintura começava, nesta década, a expressar-se quase exclusivamente através do retrato e das cenas de costumes, de acordo com as tendências romântica e realista então dominantes na Europa. A escola artística que florescera pela acção dos Jesuítas, tinha declinado e quase desaparecera a inquietação pela pintura religiosa, ao mesmo tempo que crescia o interesse pelo ensino e pela prática das artes gráficas.

Do *atelier* de Jean-Baptiste Debret sairia a primeira geração de pintores académicos do Brasil, estando neste caso Simplicio Rodrigues de Sá. Procurando aperfeiçoar-se na arte do retrato, este pintor acabaria por tomar-se um dos discípulos predilectos do Mestre, sabendo-se que, logo em 1820, com a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Architectura Civil, será chamado para aí desempenhar as funções de professor substituto (“pensionista”), com a dotação de trezentos mil reis anuais⁵.

⁵ Pontual, Roberto, *ob. cit.*, p. 466.

Em 1822 Simplicio de Sá recebia o título de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro⁶, criada a 1 de Dezembro desse ano, para assinalar a Coroação e Sagração de D. Pedro como primeiro Imperador do Brasil e seu Defensor Perpétuo e destinada a premiar serviços militares, civis, ou méritos científicos relevantes.

A partir de 1825, toma-se pintor e retratista da Imperial Câmara e de suas altezas reais, os príncipes, aplicando todo o seu talento ao retrato aristocrático e à miniatura. No ano seguinte, integrava o elenco dos fundadores do Curso de Pintura da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, inaugurada em 1826 por D. Pedro I e veria os seus dotes enaltecidos pelo próprio Jean-Baptiste Debret, seu mestre, que o considerava exímio e excelente pintor.

Simplicio de Sá veio, aliás, a participar em 1829 e 1830, com diversos retratos das mais relevantes personalidades da época, incluindo o retrato de D. Pedro I, nas primeiras exposições de belas artes, comemorativas dos terceiro e quarto aniversários da fundação da Academia, tendo os respectivos catálogos sido transcritos por Jean-Baptiste Debret, no seu livro célebre, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, onde se encontram referências a Simplicio de Sá e explicações sobre as suas pinturas.

Na ausência de Debret, que regressa a França em 1831, o retratista viria a substituir o Mestre sendo-lhe atribuída, em 1832, a docência da cadeira de Pintura Histórica, passando assim a integrar o corpo de Professores da Academia Imperial de Belas Artes, até à posse de Manuel de Araújo Porto Alegre, em 1837.

Cumulativamente, leccionava a cadeira de Desenho, à qual se

⁶ Com esta designação pretender-se-ia certamente aludir à localização geográfica desta área austral da América, onde se encontra a grande constelação do Cruzeiro do Sul e poderá, igualmente, referir-se à **Terra de Vera Cruz**, primeiro nome dado por Cabral àquele território, na altura do seu descobrimento.

encontrará vinculado até à data da sua morte, em 1839.

O prestígio de que então gozava Simplicio de Sá, explica que tivesse sido escolhido para ser o professor de Desenho do jovem Imperador D. Pedro II e de suas irmãs, as Infantas Januária Maria, Paula Mariana e Francisca Carolina, função que desempenhou desde 1833 até 1835, altura em que a cegueira, provocada por cataratas, o impediu de continuar.

Professor e pintor, exímio no retrato aristocrático e na miniatura, viria a ser incluído pelo Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro nas exposições realizadas em 1843 e 1848, existindo trabalhos da sua autoria no referido Museu considerados como as suas obras mais representativas⁷. São elas, o *Retrato do Marquês de Inhambupe* e *Irmão Pedinte*. Para além destes, vários outros quadros de Simplicio de Sá podem ser vistos em diversos museus do Brasil. Estão neste caso, *A Ceia*, obra de carácter sacro, que se encontra no Museu da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência do Rio de Janeiro; o *retrato* do capitão Manoel Rodrigues dos Santos, na Galeria dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade; o *retrato* do Conselheiro Francisco Gomes da Silva (O Chalaça), no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro; o *retrato de D. Pedro e D. Leopoldina quando visitam os Expostos* em 1826, na Fundação Romão Duarte; os *retratos* de D. Maria da Glória (D. Maria II de Portugal), do Imperador D. Pedro I, do Conde do Rio Pardo, e uma miniatura

⁷ Para a identificação das obras de Simplicio de Sá e respectiva localização, foi seguida a obra de Roberto Pontual, *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*, Edit. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969, p. 466. Teve-se em conta, igualmente, uma Relação das obras de Simplicio de Sá enviada do Brasil para Cabo Verde pelo historiador de arte Stanislaw Herstal, em 1980, e uma outra elaborada pela Fuñarte (Fundação Nacional de Arte do Brasil) em 1984 e também enviada a Félix Monteiro, que as reuniu nos seus *Papéis Avulsos sobre Simplicio de Sá* e que gentilmente me permitiu a sua consulta em Cabo Verde, em 1994.

de D. Pedro II em criança, no Museu Imperial de Petropolis. Existem ainda numerosas miniaturas e outros trabalhos menores, executados na Argentina e no Brasil, fazendo parte de colecções particulares. No estrangeiro, encontra-se em Paris um *retrato* de D. Pedro I, integrado na Colecção Príncipe J.L. de Maucigny Lucinge, e outro, também de D. Pedro I, pode ver-se em Villalta, Espanha, na Colecção D. Carlos Tasso Saxe-Coburgo e Bragança.

2. Simplicio Rodrigues de Brito: Um “outro Juan Pareja” e o pintor das “obras primorosas”.

Do *Livro Primeiro dos Ensaio sobre a Statistica das Possesões Portuguezas*, escrito por Lopes de Lima em 1844 e dedicado às Ilhas de Cabo Verde e suas dependências, consta que as mesmas se encontravam de há muito num quase completo estado de abandono, sobretudo no domínio da Instrução Pública. O Conselho Ultramarino havia já tomado algumas providências ao decidir, em 1773, enviar Mestres de Portugal com o encargo de ali fundarem uma “Casa de Educação”, medida esta que nunca veio a ser concretizada. A mesma obra refere no entanto que, mais tarde, “em 1794 mandaram-se vir a Lisboa rapazes das Ilhas de Cabo Verde; mas não consta que um só desses adquirisse instrução, a não ser Simplicio João Rodrigues de Brito, o qual abandonado a si mesmo foi ser criado de um celebre Pintor Italiano, e sendo a um tempo criado e discipulo, tamanha habilidade desenvolveu nesta arte, que veio a ser o primeiro pintor retratista na Córte do Rio de Janeiro, aonde eu o conheci e delle vi obras primorosas em 1821; e não sei se ainda lá vive”⁸.

⁸ Lopes de Lima, *Ensaio sobre a Statistica das Ilhas de Cabo Verde no Mar Atlântico e suas dependências na Guiné Portuguesa ao Norte do Equador*, Cap. VIII, p. 79.

Estas informações, que Lopes de Lima diz ter colhido ao consultar “os *annaes da Província*”, para além de afirmar ter conhecido o retratista e ter admirado com os próprios olhos as “obras primorosas” que em 1821 o mesmo já produzira no Rio de Janeiro, eram aliás, a confirmação do que havia sido escrito três anos antes por J. C. Chelmicki e F. A. Vamhagen, na sua *Cabo-Verdiana*⁹, onde o nome do pintor fôra pela primeira vez objecto de referência, também a propósito do estado deplorável a que tinha chegado a Instrução Pública na Província.

Todavia, causava admiração a estes autores, bem informados sobre a realidade vivida em cada uma das ilhas, o facto de ser raro encontrar ali quem não soubesse ler e escrever, principalmente em S. Nicolau, S.¹⁰ Antão e na Boa-Vista, onde a ilustração se revelava superior à da Ilha de Santiago, apesar de aí se encontrar a capital. Tinham igualmente observado que os habitantes do arquipélago “não são tão estúpidos e barbaros, como os taxava um Deputado da Província”¹⁰. Admiravam até ter encontrado algumas pessoas com certa erudição e conhecimentos, sem nunca terem saído da sua terra natal. E de entre os que haviam abandonado o arquipélago, era destacado um deles, que os autores identificavam de forma particularmente sugestiva: “Um dos melhores pintores retratistas do Rio de Janeiro, é um cabo-verdiano, Simplicio João Rodrigues de Brito, irmão do actual Vigário de S.¹⁰ Antão, o padre Ricardo Rodrigues Antonio de Brito, era um dos rapazes remetidos para Lisboa em 1794. Seguindo a sorte dos seus companheiros, que em lugar d’ensino acharam vagabundagem

⁹ **Corografia Cabo-Verdiana ou Descrição Geographico-Historica da Provinda das Ilhas de Cabo Verde e Guiné**, por J. C. Chelmicki e F. A. Vamhagen, Lx.. 1841, Tomo II, p. 197.

¹⁰ *Idem, ibidem.*

nas ruas da capital para matar a fome e se não entregar á ociosidade ", foi criado de servir de um insigne pintor italiano, que n'aquela época estava em Lisboa¹¹ ¹². Qual outro Juan Pareja, escravo mulato do grande Velasquez, sem estudo, nem mestre, desenvolveu o germen que possuía, e em breve apareceu como insigne retratista, escolhido no Rio de Janeiro para pintar toda a Família Real"¹³.

3. Cabo Verde e o seu Pintor

Quando em Cabo Verde se iniciavam os preparativos para uma Exposição de Artes Plásticas, prevista para Julho de 1980, a realizar na cidade da Praia no âmbito do Programa das Comemorações do Quinto Aniversário da Independência, pretendeu a respectiva Comissão Nacional que naquela iniciativa fosse incluído o artista caboverdiano Simplicio Rodrigues de Brito, dado ter sido retratista

¹¹ Sabe-se que, após a sua chegada a Lisboa, Simplicio é matriculado na Real Casa Pia de Lisboa, ao abrigo da Provisão de 8 de Abril de 1794, existindo no Arquivo desta Instituição, o assentamento seguinte:

1795 - Livro de Matricula Geral - Divisão dos Alunos

Admissões de 1780 a 1798 - n.º 7, a folhas 176:

- Simplicio Joao Roiz, filho de João Roiz de Brito e de Margarida Rosa de Araújo. N.º e baptizado na freguesia de Nossa Senhora do Rosario da Ilha de S. Nicolau. Com 10 anos, entrou em 5 de Junho de 1795.

¹² O "insigne pintor italiano" a que se referem Chelmicki e Vamhagen e a quem Simplicio serviu, deverá ter sido o venesiano Domenico Pellegrini, artista afamado, conhecedor da arte francesa (da Pintura de David) e da arte inglesa.

A ele se terá devido a mutação na directriz artística de Domingos de Sequeira, que viria a ser o pintor e retratista do **Vintismo**, destacando-se entre as suas obras o célebre **Retrato de D. João VI**, "a apertar nervosamente contra o peito o estatuto político da Nação".

Nesta altura, encontrava-se Simplicio de Sá no Rio de Janeiro, afirmando-se como pintor e professor e não tardaria a tomar-se o pintor e retratista da Imperial Câmara, enquanto que, em Portugal (emigrado Domingos de Sequeira em Paris, com a Contra-revolução de 1823), começaria a exercer idênticas funções, o notável retratista Miguel Angelo Lupi.

¹³ Chelmicki, J.C. e Vamhagen, F.A., **ob. cit.**, p. 197.

na Córte do Rio de Janeiro, onde o escritor Lopes de Lima o conheceu em 1821.

O etnógrafo - investigador Félix Monteiro, foi desde logo encarregado de estabelecer contactos com especialistas brasileiros, tendo em vista obter o maior número possível de dados seguros sobre o percurso do pintor, a identificação e localização das suas obras e a respectiva bibliografia. Era o início de uma fecunda troca de informação que, embora não lograsse esclarecer algumas dúvidas que ainda hoje persistem em tomo de Simplicio Rodrigues de Sá / Simplicio João Rodrigues de Brito, havia pelo menos de contribuir como efectivamente se verificou, para ponderar o estado da questão e incentivar os estudiosos ao prosseguimento das investigações, promovendo ao mesmo tempo a sua divulgação em círculos de âmbito mais alargado.

Félix Monteiro é um investigador experiente e de grande competência que alia o conhecimento profundo da realidade das suas ilhas ao sentido de rigor e ao respeito pelas fontes. Daí que, a partir de Cabo Verde, se insistisse sobretudo nos argumentos retirados da obra de Chelmicki e Vamhagen, confirmados poucos anos depois, como atrás se referiu, pelo depoimento de Lopes de Lima. Para além disso, alargava a sua pesquisa à ilha de S. Nicolau, vindo a saber que no Arquivo Paroquial da freguesia de N^ã S- do Rosário daquela ilha, não existiam já os livros de registo de baptismo anteriores aos meados do século XIX, por se haverem deteriorado. Eram, por isso, preciosas as informações contidas no assentamento de matrícula de Simplicio na Casa Pia de Lisboa, em 1795, baseadas numa certidão de baptismo passada na Igreja da referida freguesia da ilha de S. Nicolau. Através desse registo pode, pelo menos, situar-se o nascimento do pintor no ano de 1784.

Do Brasil, chegavam entretanto as solicitadas informações. Um

historiador de S. Paulo, Stanislaw Herstal, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com investigação em curso sobre o pintor retratista, viria a fornecer alguns esclarecimentos e uma relação dos trabalhos mais significativos de Simplicio de Sá, com a respectiva localização, dimensões e datas em que foram executados ¹⁴.

Sobre a deslocação de Simplicio a Buenos Aires em 1815 e com base nos trabalhos já referenciados do argentino Rodolfo Trostiné chegava, transcrita em português, uma notícia publicada em “O Independente” daquela cidade, de 21 de Fevereiro de 1815, do seguinte teor: “ Avisa-se o público que Dom Simplicio João Rodrigues de Sá, chegado recentemente do Rio de Janeiro a esta capital, oferece os seus serviços na arte que professa de pintor retratista, tanto a óleo como em miniatura, o qual vive nos altos, frente ao Correio” ¹⁵.

Ficava a saber-se, por outro lado, que Simplicio de Sá, durante a sua estada em Buenos Aires, executara vários retratos em miniaturas, entre os quais o do Deão Gregorio de Funes e o do poeta Domingo de Azcuénaga e que este último retrato se encontra no Museu Histórico Nacional da Argentina podendo ler-se, na parte inferior do mesmo, uma poesia manuscrita, da autoria do próprio poeta retratado:

Hoy Simplicio ostenta grato

De su arte la excelencia

Haciendo/sin experiencia do vivo/este retrato

¹⁴ Stanislaw Herstal, Carta a Félix Monteiro, datada de 31.1.80, Arquivo particular de Félix Monteiro, *Papéis Avulsos sobre Simplicio de Sá*.

¹⁵ *Idem, ibidem*.

**Su habilidad en el rato
En que lo hizo, lo exalta,
Pues si con lápiz rasalta,
Que sera con el pincel?
Verle el vulgo y dirán del
“Que solo el hablar le falta.”^{16 17}**

A notícia de uma declaração feita pelo pintor ainda em Buenos Aires, nas vésperas da partida para o Rio de Janeiro em 1816, quando solicitava o seu passaporte ao alcaide de um quartel da cidade, informando ser “português, de 32 anos de idade, solteiro, de ofício retratista”ⁿ, completava o conjunto de dados conhecidos através do Brasil, sobre a viagem do pintor à Argentina.

Apercebemo-nos assim de que o percurso de Simplicio de Sá posteriormente a 1817, quando se radicou definitivamente no Brasil, tem sido objecto de investigação por parte de historiadores brasileiros que, no essencial, o têm vindo a reconstituir, como atrás ficou demonstrado. Stanislaw Herstal encontrou o registo de casamento do pintor, celebrado em 1817, no qual se lê que este “casou com Norberta Máxima de Jesus, filha legítima de Francisco Lopes Carneiro e de Júlia Maria Rosa, natural e baptizada na freguesia de Santa Rita, como tudo constou da Provisão do M.R. Juiz dos Casamentos”¹⁸. Transmitiu igualmente alguns detalhes sobre a morte do pintor, ocorrida em 1839, quando contava 55 anos e sobre as cerimónias que acompanharam o seu funeral: “Foi enterrado na Igreja do Sacramento; os seus restos mortais foram levados de carruagem do Palácio Imperial e os Professores

¹⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁸ *Idem, ibidem.*

da Academia, Felix Emilio Taunay e Manoel de Araújo Porto Alegre produziram orações fúnebres”¹⁹.

Mas a identificação de Simplicio de Sá, continuava a não estar definitivamente esclarecida, uma vez que, no Brasil, “o nome de Simplicio João Rodrigues de Brito não figura em nenhuma história de arte, nenhum dicionário de artistas, nem consta de qualquer documento”²⁰. Stanislaw Herstal acrescentava, no entanto, uma nota de optimismo e fazia uma promessa: “Já faz tempo que eu tenho a certeza que o Simplicio João Rodrigues de Brito, caboverdiano, é idêntico com Simplicio Rodrigues de Sá, pintor da corte no Rio de Janeiro. Mas também fui eu o único a saber disso (...). Infelizmente, a publicação do meu trabalho sobre Simplicio vai demorar ainda. Faltam-me alguns elementos. Há tantas divergências na biografia do artista antes de 1820, que resolvi apresentar esta em forma de cópias de documentos fidedignos”²¹.

O teor desta correspondência é suficientemente claro e justifica o interesse, por parte de Cabo Verde, na sua divulgação dentro e fora do arquipélago. Trata-se, em nosso entender, de uma investigação a carecer de um recurso a outro tipo de documentos, nomeadamente orais, a ser feita logo a partir da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde. Uma pesquisa a requerer ainda novos contributos e a dever ser prosseguida sobretudo nos arquivos portugueses, merecendo igual atenção por parte dos historiadores de arte, já que o nome e a obra do pintor retratista são desconhecidos em Portugal. Tentar encontrar-se a circunstância ou o motivo pelo qual o jovem Simplicio terá adoptado o apelido *De* será desde

¹⁹ *Idem, ibidem.*

²⁰ *Idem, ibidem* (carta datada de 20.1.1980).

²¹ *Idem, ibidem.*

logo um passo decisivo para a resolução do problema.

Em Cabo Verde, como acontece nos restantes novos países emergentes da descolonização, a busca da identidade cultural e histórica, que são igualmente factores de coesão social e de reforço da nacionalidade, constitui não apenas uma preocupação mas uma prioridade, existindo uma consciência clara de que a *memória* é elemento essencial da identidade colectiva e que, por isso mesmo, tudo ali é digno de história. Simplicio, o pintor retratista da corte imperial do Rio de Janeiro, cuja biografia se procura reconstruir na totalidade, é para Cabo Verde uma espécie de “recordação de família”, que se entenderá tanto melhor quanto tivermos em conta que a arte (nomeadamente as artes plásticas e a música) é a pedra de toque da sua identidade cultural.

Verifiquei, quando, em Cabo Verde, aprendia a trilhar os caminhos das ilhas, que o afa de independência política e económica se alicerça no ajuste e na cristalização de uma identidade fenomenológica, ao mesmo tempo cultural e nacional, considerada sempre em relação com o referente histórico do arquipélago. Apreendi, igualmente, que o sentido do universal, a comunicação recíproca e o intercâmbio de informação no domínio cultural, são valores dominantes, que os intelectuais, a começar pela geração dos mais velhos, pensando e actuando a partir de dentro, na esteira dos *Claridosos*, não querem deixar desvanecer. O encontro dos contributos para a identificação e divulgação do percurso de Simplicio de Sá e o reforço dos laços que este trabalho suscita, constitui por si só um exemplo das múltiplas virtualidades que a recentemente criada *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* pode vir a desenvolver.

Na casa que pertenceu a seus pais, situada na pequena colina do Alto de S. Nicolau da cidade do Mindelo, o etnólogo Félix

Monteiro debruça-se sobre a *memória* das ilhas, estudando, catalogando e organizando o seu arquivo particular, um património que pacientemente prepara para os vindouros. Ali lhe falei da Ilustração e da Formação das Elites em Cabo Verde, tema central da minha investigação, retribuindo-me com conselhos de grande utilidade. E ainda ali mesmo, ao colocar ao meu dispor para consulta, os documentos resultantes da correspondência, até agora inédita, que trocara com o Brasil sobre o pintor retratista Simplicio de Sá e que tomaram possível a elaboração deste artigo, dirigiu-me estas palavras, impregnadas de sabedoria: “Vejo que gostou do Simplicio...”. Era mesmo assim: de há muito tenho vindo a concluir que a história dos países emergentes da nossa descolonização só pode ser construída e ensinada com Simpatia.



1. Retrato de D. Pedro I do Brasil, D. Pedro IV de Portugal
por Simplicio de Sá, 1826 (Museu Imperial, Petrópolis)



2. Retrato de D. Maria da Glória, D. Maria II de Portugal
por Simplicio de Sá, 1827 (Museu Imperial, Petrópolis)



3. D. Pedro e D. Leopoldina visitam os Expostos
por Simplicio de Sá, 1826 (Fundação Romão Duarte, Rio de Janeiro)



4. Retratos das Infantas Maria da Glória e Januária Maria
por Simplicio de Sá, 1830 (Col. Embaixador Gama e Silva, Rio de Janeiro)



5. Retrato de Tomaz Vila-Nova Portugal
por Simplicio de Sá (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro)



6. Retrato do Conselheiro Francisco Gomes da Silva (o Chalaça)
por Simplicio de Sá, 1826 (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro)